

A volição na leitura aspectual de sentenças com a perífrase “estar+gerúndio” no português brasileiro

Thais Araujo*
Mercedes Sebold**

Resumo

O presente estudo tem por objetivo investigar a relação entre o traço semântico de volição e a perífrase de progressivo, “estar+gerúndio”, no português brasileiro. Arche (2014) questiona o fato de que, na literatura, diversos autores atribuem a essa perífrase uma leitura de volição, sem explicar como essa leitura é gerada. Considerando a relação entre o papel temático de agente do argumento externo e o traço semântico de [volição], testamos se a perífrase é capaz de gerar leituras volitivas, inclusive em contextos de sujeitos não agentivos. A hipótese assumida é a de que não há uma relação entre o aspecto gramatical e o traço semântico em questão, uma vez que as leituras aspectuais são geradas na estrutura sintagmática devido à contribuição aspectual de diferentes elementos sentenciais. Para testar essa hipótese, aplicamos um teste de julgamento de gramaticalidade a 10 falantes de português brasileiro. Os resultados mostram que, mesmo em contextos com sujeitos não agentivos, os falantes associaram majoritariamente as sentenças a significados aspectuais mais relacionados à volição.

Palavras-chave: Aspecto. Perífrase “estar+gerúndio”. Agentividade. Volição. Português brasileiro.

* Professora de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda em Letras Neolatinas na UFRJ. <https://orcid.org/0000-0002-6463-6935>.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada de Língua Espanhola da Faculdade de Letras (UFRJ). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (UFRJ). <https://orcid.org/0000-0002-0035-3338>.

The volition in the aspectual reading of sentences with the periphrasis “estar+gerund” in Brazilian Portuguese

Abstract

The present study aims to investigate the relation between the semantic feature of volition and the progressive periphrasis, “estar+gerund”, in Brazilian Portuguese. Arche (2014) questions the fact that, in the literature, several authors attribute to this periphrasis a volition reading, without explaining how this reading is generated. Considering the relation between the thematic role of agent of the external argument and the semantic feature of [volition], we test whether the periphrasis is capable of generating volitional readings, even in contexts of non-agentive subjects. The assumed hypothesis is that there is no relation between grammatical aspect and the semantic feature considered, but that the aspectual readings are generated in the syntagmatic structure due to the aspectual contribution of different sentence elements. To test this hypothesis, we applied a grammaticality judgment test to ten Brazilian Portuguese speakers. The results show that, even in contexts with [-agentive] subjects, speakers mostly associated sentences to aspectual meanings more related to volition.

Keywords: Aspect. Periphrasis “estar+gerund”. Agentivity. Volition. Brazilian Portuguese.

Recebido em: 31/03/2020

Aceito em: 11/07/2020

Introdução

O estudo das categorias funcionais ganhou bastante impulso a partir da década de 1980, uma vez que o projeto de investigação chomskiano, cada vez mais minimalista, propunha que a diferença entre as línguas residiria basicamente no léxico e na fixação paramétrica, esta última fortemente relacionada a tais categorias. No Programa Minimalista, que reduziu ainda mais essa diferença aos traços abrigados no léxico, parte deles relativos às categorias funcionais, estudá-las passa a ser sinônimo de entender os pontos da gramática das línguas que fazem com que elas difiram entre si.

Uma das categorias de grande importância nesse contexto é a de aspecto, que, em um primeiro momento, era quase que, exclusivamente, estudada nas línguas eslavas e que, posteriormente, foi abarcada por outros grupos de línguas. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a estudar se existe uma relação entre os significados aspectuais gerados pela perífrase de progressivo, “estar+gerúndio” (EG) no português brasileiro (PB), e o traço semântico de volição.

A motivação para o estudo da volição nessa perífrase decorre do fato de que, segundo Arche (2014), diversos autores, dentre eles, Smith (1991), destacam que o contínuo progressivo atribui aos predicados um significado volitivo, sem, no entanto, explicar como traços semânticos interfeririam em questões de natureza morfossintática. Sendo a volição uma característica dos papéis temáticos de agente, escolhemos, neste estudo, investigar a volição por meio do contraste entre sentenças com sujeitos agentivos e não agentivos. Para isso, consideramos também a

proposta de composicionalidade aspectual de Verkuyl (1999; 2002), defendendo, de modo diferente do autor, que a informação do sujeito também pode interferir na significação aspectual de uma sentença (DE MIGUEL, 1999).

Assim, nosso objetivo é investigar se há relação entre os significados gerados pela perífrase EG e o traço de volição em contexto de sujeitos agentivos e não agentivos no PB. Nossa hipótese é a de que não há uma leitura específica de volição gerada pela perífrase, uma vez que (i) os traços semânticos não estão diretamente relacionados à categoria de aspecto gramatical, e (ii) as leituras aspectuais são geradas na estrutura sintagmática devido à contribuição aspectual de diferentes elementos sentenciais.

Para testar a hipótese adotada, foi realizado um teste linguístico, composto por 54 sentenças e aplicado a 10 falantes de PB. As sentenças alvo do teste eram construídas com sujeitos agentivos e com sujeitos não agentivos, de modo a verificar se a interpretação de volição se mantinha nos dois casos ou se o contexto favoreceria o surgimento desse traço semântico. As opções de resposta eram formadas por paráfrases dos valores aspectuais da perífrase EG encontrados na literatura.

1 Aspecto

A categoria de aspecto é definida por Comrie (1976, p. 3) como as diferentes formas de se enxergar a composição temporal interna de uma situação. Esse significado aspectual pode ser expresso por meio dos significados inerentes ao verbo e aos elementos lexicais que o modificam, como é o caso dos advérbios — o que é chamado de “aspecto lexical” — ou

por recursos de natureza morfossintática, como é o caso da morfologia verbal e das perífrases verbais — o que é chamado de “aspecto gramatical”.

O aspecto lexical se refere às informações inerentes a itens como verbos, argumentos e modificadores (SMITH, 1991). Nesses itens estariam as propriedades dos traços de duratividade, que diz respeito ao fato de um evento se estender durante um intervalo temporal; dinamicidade, que diz respeito ao fato de ser necessário o emprego de uma energia externa para que um evento continue ocorrendo; e telicidade, que diz respeito ao fato de um evento ter um ponto final inerente.

- a. João abriu uma lata de refrigerante.
- b. João ama sua namorada.

Considerando as situações expressas em (a) e (b) anteriormente apresentadas, é notável que o que as diferencia, do ponto de vista do aspecto lexical, são os traços listados a seguir:

1. [-durativo] de (a), frente ao [+durativo] de (b);
2. [-téliico] de (b), frente ao [+téliico] de (a); e
3. [- dinâmico] de (b), frente ao [+dinâmico] de (a).

Esses traços, gerariam as seguintes categorias aspectuais, de acordo com Vendler (1967): (i) atividades: [+dinâmicas] [-téliicas] [+durativas]; (ii) processos culminados: [+dinâmicos] [+téliicos] [+durativos]; (iii) culminações: [+dinâmicas] [+téliicas] [-durativas]; e (iv) estados: [-dinâmicos] [-téliicos] [+durativos].

Sobre o aspecto gramatical, Comrie (1976) define a existência de dois aspectos básicos, a saber, o perfectivo e o

imperfectivo. Interessa-nos, neste estudo, o imperfectivo, no qual o evento é visto desde a sua composição temporal interna, de modo que seja possível especificar suas fases.

Ainda sobre o imperfectivo, Comrie (1976) afirma que ele pode ser dividido em duas subcategorias: o habitual e o contínuo. O habitual, para o autor, seria definido como a expressão de uma situação que se estende por um intervalo de tempo, como em (c). Já o contínuo, definido por Comrie (1976) como a imperfectividade que não se insere no escopo da habitualidade, é entendido por outros autores, como é o caso de Arche (2014), como uma situação cujo intervalo de tempo é incluído pelo tempo da fala. Comrie (1976) esclarece que esse valor aspectual pode ser expresso pela morfologia progressiva ou pela morfologia não progressiva (exemplos (d) e (e), respectivamente):

- c. Fábio andava de bicicleta todos os dias.
- d. Daniela está tomando banho agora.
- e. Daniela lê um livro agora.

Destacamos que, na literatura sobre o imperfectivo, há uma série de desencontros quanto à nomenclatura de certos valores aspectuais, bem como ao fato de determinados autores considerarem o progressivo fora do escopo proposto por Comrie (1976). Em outras palavras, Comrie (1976) atribui ao progressivo *status* puramente morfossintático, enquanto outros autores definem-no como um valor aspectual propriamente dito. Bertinetto (1986), por exemplo, considera a progressividade como um valor semântico que focaliza apenas um instante da eventualidade, ainda que ela possa se estender para além desse instante de focalização.

Em estudo sobre os valores aspectuais próprios do imperfeito, Arche (2014) pontua que, em predicados eventivos, o contínuo não progressivo pode gerar uma leitura de habilidade, conforme exemplo da autora abaixo. Isso é um indício, segundo a autora, de que progressivo e contínuo precisam ser analisados separadamente, uma vez que há traços semânticos que surgem da leitura contínua e que não surgem da leitura progressiva.

f. Juan lee Francés.¹

Segundo Arche (2014), isso não acontece quando a morfologia progressiva é empregada, por ser essa característica inerente à estrutura do contínuo.

contrary to widespread opinion, the continuous structure is not unique to states but that eventive predicates can occur in it. I argue that, when this happens, the reading known as “ability,” “characterizing,” or “attitudinal” emerges. The ability or characterizing reading is the reading according to which a certain ability is ascribed to an individual independently from the actual instantiation of the event described by the predicate.² (ARCHE, 2014, p. 815).

Por último, Comrie (1976) apresenta o *perfect*, cujo significado denotaria basicamente uma situação do passado com relevância no presente, como é o caso do exemplo em (g), fornecido pelo autor. Nele, a perda do canivete se apresenta como uma situação passada que ainda repercute no presente, talvez pelo fato de o sujeito que o perdeu ainda precisar dele.

¹ Juan lê Francês.

² “contrariando a opinião generalizada, a estrutura do contínuo não é exclusiva dos estados, mas predicados eventivos podem ocorrer com ela. Argumento que, quando isso acontece, surge a leitura relativa à “habilidade”, “caracterização” ou “atitudinal”. A leitura de habilidade ou caracterização é a leitura segundo a qual uma certa habilidade é atribuída a um indivíduo independentemente da instanciação real do evento descrito pelo predicado.” (tradução nossa).

g. I have lost my penknife.³

Comrie (1976) considera a existência de quatro tipos de *perfect*, a saber, o de situação persistente, o de resultado, o experiencial e o de passado. Outros pesquisadores, no entanto, como é o caso de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), adotam o modelo de divisão do *perfect* em apenas dois subtipos, o universal e o existencial. O que diferenciaria esses dois últimos seria justamente o fato de o *perfect* universal expressar uma situação que se inicia no passado e persiste até o momento da fala, enquanto, no *perfect* existencial, a situação expressa se conclui no passado.

h. I have been sick since 1990.⁴

i. I have read “Principia Mathematica” five times.⁵

Os exemplos em (h) e (i), retirados do trabalho dos autores, mostram que o *perfect* universal, da sentença em (h), gera a interpretação de que o indivíduo está doente desde 1990 até o tempo da fala. Já em (i), o *perfect* existencial gera a interpretação de que o sujeito leu cinco vezes, no passado, o “Principia Mathematica”, de tal modo que essa leitura repercute no tempo da fala. Para o presente estudo, é de especial importância o *perfect* universal.

Na composição da significação aspectual, tanto o aspecto gramatical como o aspecto lexical são importantes. Assim, considerando os dois aspectos básicos propostos pelo autor, o

³ Eu perdi meu canivete.

⁴ Estou (PERFECT) doente desde 1990.

⁵ Li (PERFECT) “Principia Mathematica” cinco vezes.

perfectivo e o imperfectivo, é possível observar a contribuição de elementos gramaticais e lexicais na construção dos significados das sentenças abaixo:

j. Ontem, Felipe (fez/*fazia) bolo.

k. Antigamente, Felipe (*fez/fazia) bolo.

Os advérbios “ontem” e “antigamente”, no PB, são compatíveis, respectivamente, com a leitura perfectiva e imperfectiva. Dessa forma, eles são itens lexicais capazes de expressar noções aspectuais. Ao se combinarem com elementos gramaticais — no caso das sentenças (j) e (k), com as morfologias de perfectivo (expressas na forma verbal “fez”) e de imperfectivo (expressas na forma verbal “fazia”) — que também expressam a noção de aspecto, podem criar sentenças gramaticais ou agramaticais.

Dessa forma, conforme afirmam Comrie (1976) e Smith (1991), o significado aspectual de uma sentença é construído com base na interação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical.⁶ A seguir, exploramos a noção de composicionalidade aspectual, chave para o presente estudo.

1.1 Composicionalidade aspectual

Diversos são os trabalhos de autores que mostram que as informações aspectuais dos diferentes elementos sintagmáticos interferem na leitura aspectual da sentença como um todo. Um deles é o de Verkuyl (2002), que será explicado a seguir.

⁶ Smith (1991) nomeia essas noções como tipo de situação e ponto de vista, respectivamente.

Verkuyl (2002), em estudo sobre a construção do significado aspectual, propõe a existência da aspectualidade interna e da aspectualidade externa. A aspectualidade interna diz respeito às informações contidas no interior do VP, em outras palavras, às características inerentes à semântica do verbo e de seus argumentos. Relacionado a esse nível de aspectualidade, estaria o traço semântico [\pm ADDTO] (*additive to*), específico de itens verbais, que, quando especificado positivamente, denota situações dinâmicas. Verbos como “correr” e “estudar” seriam [+ADDTO], enquanto verbos como “permanecer” e “gostar” seriam [-ADDTO]. Também relacionado à aspectualidade interna, o autor apresenta o traço semântico [\pm SQA] (*specified quantity of A*), específico de itens nominais, que, quando especificado positivamente, denota quantidade específica de um elemento A. Nomes com cardinalidade especificada, como “uma maçã” e “dois livros”, são [+SQA], enquanto nomes massivos, como “café” e “água”, por exemplo, seriam [-SQA].

Esses traços apresentados pelo autor se combinam no interior do VP, formando um complexo com as informações aspectuais semânticas dos níveis arbóreos mais baixos. Esse complexo, por sua vez, se combinaria também ao argumento externo formando o nível sentencial, sem os traços de Tempo. É a partir da leitura desses traços que é possível gerar os valores aspectuais terminativo e durativo.⁷ Dessa forma, no processo de formação da leitura aspectual das sentenças, a combinação desses traços pode gerar leituras diferentes, conforme os exemplos do autor:

⁷ Wachowicz (2003) sinaliza que esses valores correspondem ao perfectivo e imperfectivo, respectivamente.

l. Mary walked three miles⁸. → . V[+ADDT0] + NP2,[+SQA] = terminativo

m. Mary walked miles.⁹ → V[+ADDT0] + NP2,[−SQA] = durativo

Verkuyl (2002), nesse sentido, advoga em favor da ideia de que não é o léxico que armazena as informações aspectuais lexicais, mas que esse conceito se constrói na estrutura sintagmática. O autor sinaliza, no entanto, que essa construção se dá no interior do VP, de modo que o sujeito tenha apenas papel no que diz respeito às interpretações “coletivo x distributivo”, por meio de sujeitos singulares e plurais. A essa limitação do argumento externo, no que diz respeito à influência na leitura aspectual, Verkuyl (2002) dá o nome de “assimetria interpretativa”.

De Miguel, de modo contrário à proposta de assimetria interpretativa de Verkuyl (2002), propõe, para o espanhol, que

la influencia del contexto sintáctico en la especificación del aspecto léxico no se restringe a lo que ocurre en el interior del SV, sino al marco completo de la oración: importa también la información que aporta el sujeto. Así, la especificación aspectual de ciertos predicados va a variar dependiendo de si su sujeto es continuo o discontinuo, colectivo o individual [...], agentivo o no agentivo [...], genérico o específico [...].¹⁰ (DE MIGUEL, 1999, p. 3.003).

Os exemplos (n) e (o), apresentados em espanhol pela autora, contrastam sujeitos agentivos e não agentivos, mostrando que

⁸ Mary caminhou por três milhas.

⁹ Mary caminhou por milhas.

¹⁰ “a influência do contexto sintático na especificação do aspecto léxico não se restringe ao que ocorre no interior do SV, mas afeta o contexto completo da oração: importa ainda a informação que o sujeito aporta. Dessa forma, a especificação aspectual de certos predicados pode variar dependendo de se o sujeito é contínuo ou descontínuo, coletivo ou individual, agentivo ou não agentivo, genérico ou específico. (tradução nossa).

a natureza semântica desse elemento sentencial é determinante para que certa leitura aspectual surja, em detrimento de outra na língua em questão.

n. La ministra limitó el poder de las asociaciones de padres (en un año/durante muchos años).¹¹

o. La valla limitó el prado (*en un año/durante muchos años).¹²

Dessa forma, ainda que faltem explicações da autora sobre o modo como ocorre essa interação do argumento externo com as informações do complexo aspectual formado pelo que está no interior do VP, os exemplos mostram que o traço de agentividade do sujeito pode influenciar na leitura aspectual das sentenças em língua espanhola. Para os fins deste estudo, que visa a investigar se existe relação entre o traço semântico de volição, característico do papel temático de agente, e a perífrase EG, própria da categoria de aspecto gramatical, adotamos o pressuposto de De Miguel (1999).

1.2 O traço semântico de volição e a perífrase EG

Para o presente estudo, consideramos apenas os seguintes valores expressos pela perífrase EG: (i) progressivo, de acordo com a definição de Bertinetto (1986); (ii) habitual, de acordo com a definição de Comrie (1976); (iii) contínuo, de acordo com a definição de Arche (2014) para predicados eventivos; (iv) *perfect* universal, de acordo com a definição de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003).

¹¹ A ministra limitou o poder da associação de pais (em um ano/durante muitos anos).

¹² A cerca limitou o prado (*em um ano/durante muitos anos).

Tais valores aspectuais são confirmados por trabalhos específicos sobre essa perífrase no PB, como os de Wachowicz (2003), Mendes (2004; 2005) e Nespoli (2018). Além disso, estudos sobre essa perífrase em grandes grupos de língua, como é o caso do estudo de Bertinetto (2000), sobre os traços dessa perífrase nas línguas românicas e no inglês, mostram que essa tendência de a perífrase estender seu significado aspectual para valores puramente imperfectivos é recorrente. A questão que se coloca é se esse mecanismo morfológico, puramente relacionado ao aspecto gramatical, permite também a abertura de uma leitura volitiva das sentenças.

Em trabalho sobre a sintaxe e a semântica dos valores aspectuais imperfectivos, Arche (2014) advoga em favor da separação entre o estudo do contínuo e o estudo do progressivo, usando para isso restrições e propriedades dessa morfologia. A autora propõe, conforme já especificado, leituras específicas que emergem a partir do contínuo, como é o caso da leitura de habilidade. Além desse ponto, ela cita a questão dos verbos de estado, que, na literatura especializada, se mostram incompatíveis com o progressivo. Segundo Smith (1991), isso ocorre porque essa morfologia daria à situação uma conotação de volição e dinamismo.

O que trabalhos como os de Smith (1991) não esclarecem, no entanto, é como traços de progressividade, dinamicidade e volição se combinariam nessas construções. Em outras palavras, esses estudos não comprovam ou explicam se, em línguas específicas, há relação entre traços próprios do aspecto gramatical, como é o caso da progressividade, traços do aspecto lexical, como é o caso da dinamicidade, e traços semânticos de

outra natureza, como é o caso da volição. Tentando refutar a ideia dessa relação, Arche (2014) mostra que predicados dinâmicos podem se combinar a sujeitos inanimados:

p. The ball was falling from the tree.¹³

Por outro lado, García Fernández (2009, p. 267) sinaliza, com enfoque no traço de dinamismo, que a perífrase EG não é intercambiável com o contínuo não progressivo em contextos com sujeitos não agentivos, conforme ilustram os pares de exemplos (q) e (r), por um lado, e (s) e (t), por outro.

q. Juan decía hola a sus padres.¹⁴

r. Juan estaba diciendo hola a sus padres.¹⁵

s. Su carta decía hola.¹⁶

t. Su carta estaba diciendo hola.¹⁷

Levando em consideração a relação entre o papel temático de agente e o traço semântico de volição, analisamos que os exemplos de García Fernández (2009) para o espanhol indicam que a perífrase EG, quando expressa traços aspectuais imperfectivos, é incompatível com leituras não volitivas.

Destacamos que a leitura contínua proposta por Arche (2014) é específica para o contínuo não progressivo, segundo a autora. Neste estudo, no entanto, essa leitura foi testada também para o progressivo, com uma motivação bem específica: essa é

¹³ A bola estava caindo da árvore.

¹⁴ Juan dizia “oi” aos seus pais.

¹⁵ Juan estava dizendo “oi” aos seus pais.

¹⁶ Sua carta dizia “oi”.

¹⁷ Sua carta estava dizendo “oi”.

a leitura aspectual mais volitiva, dentre as apresentadas. Dessa forma, há alguns pontos que devem ser esclarecidos: (i) não é possível afirmar, em um primeiro momento, que os participantes do teste escolherão esse valor aspectual para a perífrase EG; se escolherem, haverá um indício de que essa leitura está disponível também para o EG; (ii) caso o valor de habilidade seja escolhido pelos participantes para as sentenças do teste, não esperamos que esse valor seja atribuído aos sujeitos não agentivos; caso seja atribuído, podemos interpretar que a volição da leitura é própria da perífrase investigada.

2 O estudo

A questão explorada no presente estudo é se existe relação entre o traço semântico de volição e as leituras aspectuais geradas pela perífrase EG, usando para isso testes com sujeitos agentivos e não agentivos. Seu objetivo geral é investigar o modo como a categoria de aspecto está estruturada na mente do falante. Seu objetivo específico é investigar se a morfologia de progressivo gera leituras aspectuais relacionadas ao traço de volição em contexto de sujeitos agentivos e não agentivos no português brasileiro.

A hipótese assumida é de que não há uma leitura específica de volição para essa perífrase, mas que as leituras aspectuais são geradas na estrutura sintagmática devido à contribuição aspectual de diferentes elementos sentenciais, incluindo o próprio sujeito. Dessa forma, esperamos que a leitura contínua, a mais volitiva dentre as apresentadas, seja mais produtiva diante de sujeitos agentivos.

Para testar a hipótese adotada, foi elaborado um teste linguístico, composto por 54 sentenças. Para cada sentença, o participante deveria escolher, entre cinco opções, apenas uma de interpretação possível para aquela frase inicial. Cada uma das opções equivaleria a um valor aspectual possível de ser gerado para a perífrase EG, a saber, progressivo, habitual, contínuo, com valor de habilidade e *perfect* universal, além da opção de nenhuma das respostas ser possível para a sentença considerada.

Das 54 sentenças, 18 são alvo. Dessas 18, 9 são formadas por sujeitos animados e 9 por sujeitos inanimados. As sentenças alvo são formadas pela perífrase EG, sendo o auxiliar conjugado no presente, no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do indicativo. O verbo principal das sentenças do teste é distribuído de acordo com a classificação de Vendler (1967) pelas categorias de atividades, culminação e processo culminado. Os verbos de estado foram retirados deste estudo, uma vez que eles demandam observações mais específicas, que se afastariam das reflexões propostas. Os complementos do verbo variam entre complementos de cardinalidade especificada e de cardinalidade não especificada. Por último, todas as sentenças são acompanhadas por modificadores adverbiais pontuais e durativos, de acordo com a compatibilidade de cada um para os predicados considerados.

Em suma, o esquema das sentenças alvo do teste é o seguinte:

Tabela 1 - Estrutura das sentenças alvo

Estrutura das sentenças alvo			
Sujeito agentivo/ Sujeito não agentivo	Verbos de atividade	Complemento de cardinalidade não especificada	Modificadores adverbiais durativos
	Verbos de processo culminado	Complemento de cardinalidade especificada	Modificadores adverbiais pontuais
	Verbos de culminação		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, apresentamos um exemplo das sentenças alvo para cada tipo de sujeito testado, sendo o exemplo (1) para sujeitos agentivos e o (2) para sujeitos não agentivos:

1. O rapaz está escrevendo textos por horas.
 - (a) Apenas desta vez, o rapaz escreve textos por horas.
 - (b) Diversas vezes, o rapaz escreve textos por horas.
 - (c) O rapaz tem a habilidade de escrever textos por horas.
 - (d) Desde o passado até a atualidade, o rapaz escreve textos por horas.
 - (e) Nenhuma das alternativas.

2. O vento está soprando forte por horas.
 - (a) Apenas desta vez, o vento sopra forte por horas.
 - (b) Diversas vezes, o vento sopra forte por horas.
 - (c) O vento tem a habilidade de soprar forte por horas.
 - (d) Desde o passado até a atualidade, o vento sopra forte por horas.
 - (e) Nenhuma das alternativas.

No caso das sentenças distratoras, o teste é composto por 36 delas, divididas entre 18 sentenças de dois tipos, a saber:

1. Sujeito agentivo + perífrase com auxiliar “ter” no presente/passado + verbos de atividade e processo culminado no participípio + complemento de cardinalidade especificada/não especificada + expressão adverbial durativa/pontual;
2. Sujeito agentivo + verbo de estado e de culminação no presente + complemento de cardinalidade especificada/não especificada + expressão adverbial durativa/pontual.

O teste foi aplicado a 10 falantes de PB com Ensino Superior incompleto de ambos os sexos. Os participantes preencheram o questionário escrito de forma presencial. A idade dos participantes varia entre 20 e 40 anos.

3 Resultados

Os resultados encontrados estão resumidos nas tabelas a seguir. Cada uma das tabelas se refere aos resultados do estudo de acordo com o tempo verbal do auxiliar. Assim, há três tabelas, uma para o auxiliar no presente, uma para o auxiliar no pretérito perfeito e uma para o auxiliar no pretérito imperfeito. Elas estão organizadas de acordo com (i) a agentividade do sujeito; (ii) o tipo de verbo de acordo com a classificação de Vendler (1967); e (iii) os valores aspectuais escolhidos pelos participantes.

Tabela 2 - Resultados - auxiliar no presente

AUXILIAR NO PRESENTE						
	SUJEITO AGENTIVO			SUJEITO NÃO AGENTIVO		
	Atividade	Processo Culminado	Culminação	Atividade	Processo Culminado	Culminação
CONTÍNUO	3	3	4	4	4	4
PROGRESSIVO	5	1	5	2	2	4
HABITUAL	1	4	1	2	2	2
<i>PERFECT</i>	-	1	-	-	1	-
NENHUMA DAS OPÇÕES	1	1	-	2	1	-

Fonte: Elaborada pelas autoras.

No que diz respeito às sentenças com o auxiliar no presente do indicativo, com sujeitos agentivos, os resultados dos verbos de atividade e dos verbos de culminação se assemelham. Ou seja, os participantes selecionaram em ordem decrescente respectivamente os valores aspectuais: progressivo, contínuo e habitual. Apenas um dos participantes selecionou “Nenhuma das opções”.

Com relação aos dados encontrados para os verbos de processo culminado, para o mesmo tipo de sujeito, a preferência dos participantes em ordem decrescente foi respectivamente: habitual, contínuo e progressivo com o mesmo número, *perfect*, e um participante que também selecionou “Nenhuma das opções”. O traço de volição nesses dados apareceu mais associado ao valor aspectual de progressivo.

Com os sujeitos não agentivos, o valor contínuo foi selecionado uniformemente com os três tipos de verbos e foi o mais selecionado. Nessas sentenças com sujeito agentivo, os

verbos que se aproximaram em padrão de seleção foram os de atividade e processo culminado, nos quais a seleção ocorreu em ordem decrescente da seguinte forma: contínuo, progressivo e habitual com o mesmo número de ocorrências. Para o valor *perfect* e Nenhuma das opções, houve uma distribuição diferenciada.

Apesar de o quadro geral sinalizar uma preferência pelo contínuo com sujeitos não agentivos, não foram detectadas alterações muito significativas nas escolhas dos falantes com a mudança do tipo de sujeito para a perífrase estudada com auxiliar no presente. A preferência pelo contínuo foi sensível.

A Tabela 3 resume os resultados encontrados para as construções do EG com auxiliar no pretérito perfeito.

Tabela 3 - Resultados - auxiliar no pretérito perfeito

AUXILIAR NO PRETÉRITO PERFEITO						
	SUJEITO AGENTIVO			SUJEITO NÃO AGENTIVO		
	Atividade	Processo Culminado	Culminação	Atividade	Processo Culminado	Culminação
CONTÍNUO	5	6	7	2	6	2
PROGRESSIVO	3	1	3	4	1	2
HABITUAL	1	3	-	2	2	5
<i>PERFECT</i>	1	-	-	2	-	1
NENHUMA DAS OPÇÕES	-	-	-	-	1	-

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nas sentenças cujo auxiliar estava no pretérito perfeito, tanto nas sentenças com sujeito agentivo quanto nas sentenças com sujeito não agentivo, os participantes selecionaram majoritariamente o valor aspectual contínuo. A exceção, no caso

das sentenças com sujeito não agentivo, se deu com os verbos de atividade e de culminação, uma vez que, com verbos de processo culminado, esse valor se destacou fortemente entre os demais. Já com sujeitos agentivos, destacamos os verbos do tipo culminação em que 7 dos 10 participantes selecionaram esse valor.

Dessa forma, com sujeitos não agentivos, houve uma queda da escolha pelo valor de contínuo nas atividades e culminações. No entanto, esse valor aspectual ainda surge de forma relevante nesse contexto sintático, sobretudo com os processos culminados.

A Tabela 4 resume os resultados encontrados para as construções com a perífrase EG com auxiliar no pretérito imperfeito.

Tabela 4 - Resultados - auxiliar no pretérito imperfeito

AUXILIAR NO PRETÉRITO IMPERFEITO						
	SUJEITO AGENTIVO			SUJEITO NÃO AGENTIVO		
	Atividade	Processo Culminado	Culminação	Atividade	Processo Culminado	Culminação
CONTÍNUO	5	7	6	5	5	4
PROGRESSIVO	3	2	2	4	2	4
HABITUAL	2	1	2	1	-	1
<i>PERFECT</i>	-	-	-	-	3	-
NENHUMA DAS OPÇÕES	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Também encontramos, nas sentenças com auxiliar no pretérito imperfeito, uma preferência pelo valor contínuo na combinação com sujeitos agentivos. Em todos os tipos de verbos, a ordem de preferência foi: contínuo, progressivo e habitual.

Nas sentenças com sujeitos não agentivos, também encontramos um número de ocorrências alto para o valor contínuo. Os verbos de atividade mantiveram a mesma ordem de seleção, ou seja, contínuo, progressivo e habitual. Com os verbos de processo culminado, encontramos a seguinte ordem: contínuo, progressivo e *perfect*. Os verbos de culminação com sentenças de sujeito não agentivo apresentaram uma ordem diferenciada: contínuo e progressivo, com o mesmo número de ocorrências, e, por último, habitual.

No caso das construções com pretérito imperfeito, em contexto de sujeitos não agentivos, a proporção de escolhas pelo contínuo ainda foi alta, em comparação aos demais valores, embora tenha havido uma sensível queda nos processos culminados e nas culminações, se comparado com o quadro apresentado para os sujeitos agentivos.

Dessa forma, chama a atenção, assim como ocorreu para os auxiliares do pretérito perfeito, a preferência pelo contínuo com sujeitos agentivos, com uma sensível queda desse valor para os sujeitos não agentivos.

Conclusões

Antes de avaliar os dados relativos aos objetivos do presente estudo, traçamos um panorama geral dos resultados. Iniciamos sinalizando que as interpretações aspectuais para a perífrase EG se alteraram em cada um dos casos analisados. De forma geral, as alterações não foram tão grandes, de modo que pequenas alterações, na ordem de dois ou três indivíduos de diferença, não serão abordadas nas próximas linhas. No entanto, ainda assim, alguns pontos precisam de destaque.

O primeiro deles diz respeito à construção do significado aspectual da perífrase com o auxiliar no presente. Nesses casos, observamos a predominância do valor progressivo com o sujeito agentivo, exceto para processos culminados, e a predominância do valor contínuo, com leitura de habilidade, para sujeitos não agentivos, para todos os tipos de verbo. Tal quadro parece-nos interessante, uma vez que a leitura de habilidade é, intuitivamente, mais apropriada para sujeitos agentivos.

Ainda sobre as construções com auxiliar no presente, observamos que o traço [\pm SQA] foi de especial relevância na geração de distintas leituras, uma vez que os processos culminados, especificados positivamente para esse traço, se comportaram de forma diferente das atividades e das culminações. A presença dos sujeitos não agentivos em face desse traço, no entanto, tornou as leituras aspectuais mais semelhantes àquelas observadas pelos demais tipos de verbo. Aparentemente, a interação entre os traços [+agentivo] e [+SQA] com a construção perifrástica no presente do indicativo gerou um quadro de interpretações semânticas diferentes para as observadas na interação dos traços [+ agentivo] e [-SQA], mas essas diferenças se tornam mais discretas quando o traço [-agentivo] aparece. No entanto, novas investigações precisam ser realizadas para avaliar de forma mais clara esse quadro.

Sobre as construções com a perífrase EG com auxiliar no pretérito perfeito, o fator de maior relevância a ser destacado é a queda na escolha de interpretações contínuas, com valor de habilidade, para os não agentivos, quadro que não se estabeleceu com o auxiliar no presente, mas que nos pareceria o mais provável. Destacamos a grande diferença no valor contínuo com verbos de culminação entre sujeitos agentivos, valor que teve uma grande

queda com sujeitos não agentivos (de 7 para 2 falantes). Isso pode sinalizar também que a combinação dos traços [+agentivo] e [+pontual] para a perífrase EG com auxiliar no pretérito perfeito favorece a interpretação de habilidade. Com as construções no pretérito perfeito, o traço [+SQA] dos processos culminados não gerou interpretações diferentes entre sujeitos agentivos e não agentivos, mas o [-SQA], das atividades, gerou uma sensível alteração nas proporções dos valores aspectuais considerados na investigação.

Sobre a perífrase EG com auxiliar no pretérito imperfeito, destacamos apenas a predominância do contínuo com leitura de habilidade em todos os tipos de verbo, para sujeitos agentivos e não agentivos.

Dessa forma, notamos mudanças na escolha dos valores aspectuais por parte dos falantes, ainda que de forma mais sensível em determinados contextos do que em outros. Sobretudo, destacamos o papel do traço semântico [\pm SQA] com a perífrase com auxiliar no presente do indicativo e no pretérito perfeito. A sua interação com as diferentes especificações do traço de agentividade gerou as diferenças mais significativas na leitura aspectual das sentenças. No entanto, mais estudos seriam necessários para afirmar uma correlação entre esses traços semânticos na interpretação aspectual.

Com base nessa leitura dos dados, e abordando agora o objetivo do estudo, que é investigar se existe relação entre o traço semântico de volição e a perífrase EG, partindo de contextos sintáticos com sujeitos [\pm agentivos], destacamos a preferência dos falantes pelo contínuo, com valor de habilidade, como valor semântico na maior parte dos casos, dado que parece confirmar a afirmação de Smith (1991) sobre a conotação de volição desse

recurso morfossintático. Dessa forma, a hipótese de que não há uma leitura específica de volição para essa perífrase, mas que as leituras aspectuais são geradas na estrutura sintagmática devido à contribuição aspectual de diferentes elementos sentenciais, incluindo o próprio sujeito, foi parcialmente refutada.

Defendemos que a hipótese foi parcialmente refutada, uma vez que parece haver uma conotação de volição específica para a perífrase investigada, já que até mesmo em contextos [-volitivos] a leitura de habilidade surgiu. No entanto, foi possível observar também que as leituras aspectuais foram geradas na estrutura sintagmática, uma vez que houve, em determinados contextos, queda no número de escolhas para o valor de habilidade por parte dos falantes com sujeitos não agentivos.

Como discussão, propomos alguns pontos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que esse recurso morfossintático parece ter um conteúdo semântico inerente. Estudos com outras línguas, levando em consideração dados de diversas naturezas, podem confirmar essa tendência, em conformidade com uma série de autores que já defenderam esse pressuposto com base em intuições de falantes e em suas próprias. É necessário, no entanto, que mais estudos tracem essa relação entre os traços semânticos de volição, e outros associados à perífrase na literatura, como dinamismo, e esse recurso morfossintático.

Gostaríamos de sinalizar também um fenômeno que, embora não esteja entre os objetivos do trabalho, chamou a atenção. Diante das flutuações no valor da perífrase em alguns contextos, como no caso do contraste entre sujeito agentivo e não agentivo com as culminações com sentenças com EG e auxiliar no pretérito perfeito, assumimos também que o tipo de sujeito teve alguma influência na leitura aspectual. Assim, propomos,

em conformidade com De Miguel (1999), que o processo de amálgama dos traços aspectuais semânticos nas camadas arbóreas mais baixas parece não desprezar completamente as informações aspectuais fornecidas pelo argumento externo, como propõe Verkuyl (2002). Mais uma vez, dados mais consistentes ainda precisam ser analisados, inclusive aqueles que trabalham com a produção.

Referências

ARCHE, M. J. The construction of viewpoint aspect: the imperfective revisited. **Natural Language & Linguistic Theory**, 2014.

BERTINETTO, P. M. **Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano**. Firenze: Accademia della Crusca, 1986.

BERTINETTO, P. M. The progressive in romance, as compared with English. *In*: DAHL, Östen (ed.) **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 559-604.

COMRIE, B. **Aspect**. New York: Cambridge University Press, 1976.

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (ed.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2.977-3.060.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. Semántica y sintaxis de la perífrasis <estar+gerundio>. **Moenia**, 2009. p. 245-274.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. *In*: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (ed.). **Perfect explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

MENDES, R. B. **Estar + Gerúndio e Ter + Particípio – Aspecto verbal e variação no Português**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MENDES, R. B. Ter + particípio ou estar + gerúndio? Aspecto verbal e variação em PB. **Estudos Linguísticos**, XXXIII, p. 1.280-1.285, 2004.

NESPOLI, J. **Representação mental do *perfect* e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. Tese (Doutorado em Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018).

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer, 1991.

VENDLER, Z. Verbs and times. *In*: VENDLER, Z. (ed.). **Linguistics in philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

VERKUYL, H. **Aspectual issues – studies on time and quantity**. Stanford: CSLI Publications, 1999.

VERKUYL, H. Aspectual composition: surveying the ingredients. **Proceedings of the Utrecht perspectives on aspect conference**, p. 201-219, 2002.

WACHOWICZ, T. C. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2003.